

O VIMARANENSE.

PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS FEIRAS.

PREÇO DA ASSIGNATURA. — Por anno, ou 48 numeros 1\$200 — (com estampilha) 1\$440 rs. — Anuncios por linha 25 — Repetidos 20. — Correspondencias 3 rs. — Folha avulso 40 rs. — para os senhores Assignantes 20 reis.

GUIMARAES 11 DE MAIO.

MAIS um periodico — *O Vimarancense* — vem affrontar os escolhos da publicidade.

Deixai-o passar, que a sua missão é sancta e justa. Não vem, activo, ostentar uma erudição que não possui, nem, suberviente, defender partidos. Não conta, pois, com a sua erudição para ganhar por este modo a consideração publica, nem com o favor dos correligionarios para lhe pouparem os defeitos; conta só com a justiça da causa, que defende.

Este periodico do antigo *Vimarancense* só tomou o nome. É um semanario politico e litterario.

Como jornal politico, pugnará sempre pela liberdade; mas por uma liberdade de facto e não de palavras, por que reconhece que ella é a fonte da segurança individual, principal fim da associação humana, base em que assentam os calculos da industria e todo o desenvolvimento da civilisação e progresso.

Apreciará o estado da nossa legislação nos seus differentes ramos, e chamará a attenção da imprensa e do governo sobre alguns pontos, que carecem d'um remedio mais prompto.

Os R. B. do *Vimarancense* sentem e confessam a falta dos conhecimentos necessarios para desempenhar cabalmente este programma, e além d'isto conhecem

que, longe do governo, e não podendo publicar a sua folha mais que uma vez por semana, os seus trabalhos hão-de ser imperfeitos; mas esperam que os seus collegas, já amestrados n'estas lides, lhes corregerão os erros e aperfeiçoarão os pensamentos.

Não foi para discutir as grandes questões d'estado, com franqueza o confessamos, que lançamos a nossa folha ao mundo litterario; para isso sobejam penhas melhores que a nossa.

Tambem não foi para auferir lucros que especulamos esta empresa.

Sabemos muito bem que um jornal em Guimaraes não pôde dar interesse.

O nosso verdadeiro e unico fim foi levantar uma barreira, ainda que pequena, ás tyrannias locais; aos escandalos e abusos de que somos victimas, examinando o modo porque os nossos empregados publicos cumprem as obrigações a seu cargo.

O *Vimarancense* não poupa ao cidadão a sua vida publica; mas respeita-lhe religiosamente a particular.

Se entendermos que as auctoridades não retribuem, com o seu trabalho, aos povos o sacrificio que estes fazem para as sustentar e houvermos de as censurar pela sua negligencia ou abusos, fal-o-hemos com energia, franqueza e independencia; mas sempre com respeito.

O *Vimarancense* pugna pela civilisação e

progresso, e ha-de por consequencia demonstrar a necessidade de dar impulso aos melhoramentos materiaes e moraes d'esta terra. Ao passo que mostrar o mal, indicara o remedio que lhe parecer mais conveniente para o curar.

As caidas das Taipas e Visella hão-de merecer ao *Vimarancense* especial attenção.

Bem ardua e espinhosa é a nossa lareira. Temos de lutar com muitas difficuldades e arrostar com a inimidade de muita gente. Embora, as difficuldades, esperamos vencel-as com paciencia e trabalho; as inimidades, com o desprezo e o desdem.

UMA parte dos nossos funcionarios publicos arvoraram-se em novos Lycurgos, legislando por sua conta e risco. Ha leis que por um simples acto da sua vontade estão aqui consideradas como forçadas vãs. Tal é entre outras, o decreto eleitoral na parte concernente á revisão do recenseamento para eleitores e elegiveis.

Já no anno passado foram estas prescripções escandalosamente transcuradas, em detrimento dos direitos do povo, e com quebra do decoro da auctoridade que o consentiu. Este anno era d'esperar a emenda. Longo, porém, d'isso, como quem achou facil o tralho, vão seguindo a mesma senda.

FOLHETIM.

Meu amigo.

Convidaste-me para occupar os sócios do teu jornal e não te pude dizer que não. Devo, porém, declarar que sou tão bom vizinho que nunca te subirei a escada, nem irei espreitar o que lá fazes em cima.

Esta declaração é mais importante do que parece, e, já que a coisa vem a pello, permite-me um desabafo.

Haverá dous mezes, alguns jornaes do Porto noticiaram que eu ia redigir o *Vimarancense*. Pouco depois n'outro jornal, dizia-se que o *Vimarancense* não subira á rua, porque eu não tinha encontrado um *testa de ferro*, e a phrase vinha gizada do modo que significava que o *Vimarancense* não se publicára, por eu não ter achado um amouco de nova especie que quizesse, em meu logar, arriscar os lombos ao cerquinho vingativo das pessoas que eu agredisse.

Tenho soffrido cou...sas l.

Ora, a verdade, é que tudo isto é mentira. Nunca intentei redigir jornal nenhum; nunca procurei amoucos; nunca consenti que ninguém pagasse por mim, fosse na moeda que fosse; e, se ha gente que esteja persuadida

do contrario, não é porque eu tenha poupado esforços para provar que se engana.

Pelo que respeita ao *Vimarancense* mallogrado, a parte que n'elle vive foi bem pequena. O que fiz foi aterrorizar alguns individuos a que o publicassem, por entender que um jornal independente e justiceiro podia fazer grandes serviços a esta terra. Cumpria-me aterrorizaros tanto mais que tinha uma typographia de meu, que, boa ou má, facilitava a execução da empresa. Creio que os collaboradores se não entenderam; o jornal gorou, e aqui está tudo.

Agora o *Vimarancense* apparece. Estimo-o deveras; mas estimo tambem que esta declaração previna qualquer errada supposição que se puzesse fazer sobre a parte que tomo na redacção d'um jornal politico.

A politica!.. Se só a politica me faz ouros!.. Ficamos, pois, convencenados, meu amigo. Tu salvas a patria no andar de cima. Eu fico no andar de baixo com os caprichos da minha imaginação e as velleidades e phantasias de folhetimista.

THEATRO.

ZIGUES-ZAGURS.

I.

Qualquer viajero que nos visite, por muito torpa que seja, com tanto que tenha atra-

vessado Lisboa ou Porto, julga-se com direito d'encrespar um risinho d'escarnio, ao ver a vontade decidida com que as cousas e pessoas d'aqui fazem ligas ao progresso.

Chegando, porém ao theatro, reforma um pouco o seu juizo e começa a querer dar alguma coisa por uma população que, ergueado aquelle momento ás artes, dá mostras de querer trocar os vezos grosseiros d'uma aldeia por gostos mais espirituos e mais elevados.

O theatro, portanto, é talvez o unico titulo que nos recommende á consideração da gente civilizada; mas este pobre theatro, chegando a certa altura, estacou... e, se quizessemos esquadriñar as causas d'este phenomeno e d'outros da mesma ordem, talvez fossemos desanimar por ahí muita coisa feia.

Deixemos a pedra e o estuque.

Mas... de que serve o theatro?

Esta questão não é deslocada. Ha por ahí ainda muita gente respeitavel que sustenta, a pés juntos, que o theatro é casa do diabo, escola da perdição, espelunca de poucas vergonhas, e, ao que parece, a obra mais meritória aos olhos de Deus e dos bons costumes, seria pegar-lhe fogo, uma noite.

Longe de nos impugnar tal opinião! E' uma opinião, como outra qualquer, mas que, desgraçadamente, vai cada vez perdendo mais frequencia e que está arriscada a ficar tão abandonada como os rabichos e os sapatos de liva.

Sua lida Martinamente

Ha tres mezes que, em virtude dos artigos 29 e 30 do citado decreto, devia estar organizado o livro dos recenseados e ter sido patente ao publico para dar lugar ás reclamações contra a inscripção ou exclusão de qualquer cidadão; e está a expirar o prazo prescripto para a ultimação das operações recenseatorias, sem que ainda se lhes dêsse começo.

Que faz, pois, o snr. administrador do concelho, a quem incumbe a fiscalisação d'esta l.ª? Que faz o snr. Governador Civil, que se affeita no estado d'abandono em que por aqui jaz o serviço publico? Tencionarao deixar passar tudo outra vez, como no anno findo desejaram?

Isto não pôde nem deve continuar assim. Ninguem tem jus a extorquir ao cidadão os seus imprescriptiveis e inalienaveis direitos. Nem ao snr. Cruz nem ao snr. Guerra Quaresma cabe indultar faltas que vão d'encontro aos preceitos legais. E mister providencias e providencias promptas.

Desprendam-se as auctoridades de mesquinhas contemplanções, que só servem de desconceitual-as, e obriguem a cada um a cumprir com os seus deveres. Seja quem fôr, ninguem deve ser d'isso isento. Exige-o a boa ordem, presereve-o a justiça, e reclama-o a dignidade do funcionalismo.

As leis, essa mola-real das republicas, não se fazem para que o seu cumprimento fique a alvedrio dos caprichos ou veleidades dos empregados do estado. Se são inexequíveis, ou más, ao corpo legislativo compete julgal-o; em quanto, porém, vigoram, o infringil-as, se para os outros é um crime, para o funcionario da nação é duplicadamente criminoso.

Chamamos a attenção da auctoridade superior do districto para este objecto, e esperamos que s. ex.ª, tomando-o na consideração que merece, não o deixará por mais tempo correr assim á revelia.

Ai! não ha que duvidar — a moralidade vai a pique! e, para prova, é vêr que temos entre nós uma companhia, haverá tres mezes, e que a casa do diabo tem tido sempre uma concorrência regular!

Outro ponto d'admiração!.. uma concorrência regular! Nesta phrase está feito o elogio da companhia; mas antes d'entrarmos no valor d'este elogio vago, temos de dizer alguma cousa mais.

Fallemos do publico.

E' feito acreditar que o publico d'um theatro seja a parte mais escolhida d'uma terra e o observador fino apreciará o seu grau d'illustração e bom gosto pelo modo por que o publico apreciar os actores e os dramas.

Assim, um publico que desatar uma gargalhada conscienciosa, a um equívoco obscuro; que escancarar um bocejo, á peripeia mais importante; que pisear os olhos com somno, á se na não pathetica do drama, é um misero publico...

Porém, o nosso publico é muito difficil d'apreciar por este processo.

No que rigorosamente se chama publico, que são os individuos que fazem o sacrificio de trocar uns tantos réis contra o gozo que o theatro lhes dá, anda emmalhado um sem numero de maltrapilhos que entra gratis na plateia, á sombra da compadrice ou da boçalidade do porteiro.

PARA regularisarmos os trabalhos d'esta folha, julgamos util dar conta dos objectos sobre que se occuparam os deputados por este circulo, no que respeita a interesses d'esta localidade.

Eis, sem commentos, e, em resumo, o que encontramos, folheando o *Diario da Camara dos Deputados*:

O snr. *Ferreira de Mello e Carvalho d'Abreu* pedem esclarecimentos sobre a estrada de Guimarães a Chaves.

O sr. *Carvalho e Abreu* manda uma nota d'interpellação ao ministro sobre a execução da portaria de 14 de Agosto de 57, relativa á estrada de Guimarães a Traz-os-Montes e sobre os estudos dos trabalhos da estrada de Braga a Guimarães. Esta nota é tambem assignada pelos srs. *Ferreira e D. Rodrigo*.

Outra, assignada pelos srs. *D. Rodrigo, Ferreira e Carvalho*, sobre a mudança da directriz da estrada de Villa Nova a Guimarães, «reclamada pela camara municipal e milhares d'assignaturas», assim como sobre os trabalhos da mesma estrada, «que se acham parados, ha mais d'um anno».

O snr. *Pinto Coelho* requer para tomar parte n'esta interpellação.

O snr. *Carvalho e Abreu* falla sobre a importancia da estrada de Braga a Guimarães e de Guimarães a Traz-os-Montes.

Interpellação do mesmo deputado sobre as mesmas estradas.

O snr. *D. Rodrigo* chama a attenção do ministro sobre o emprestimo pedido pela camara de Guimarães. «V. exc.ª — diz elle por esta occasião — deve attender a taes representações e requerimentos das municipalidades, porque é este o unico meio de se fazer alguma cousa em utilidade dos povos.... Se o governo demorar a decisão d'estes pedidos, o resultado é que, quando se chegarem a pôr em pratica, as pessoas, que propunham fazer o emprestimo, tem mudado de tenção e desanimam, vendo que as obras, pela demora que houve na resolução do negocio,

Não obstante um regulamento que presereve a decencia do vestuario, temos lá visto os vestuarios mais indecentes, de que pôde haver noticia nas adeitas mais imundas.

Vereis já o fadista com o capote esfrangalhado da mulher com que vai e tuna; o criado da cavallariça, de camizola de la churra; aquelle de carapuça na cabeça, todos de tamancos, e — viva a patuseada! — cada um se genta com todo o despejo e sem ceremonia onde muito bem lhe parece!

Não sei se poderá haver muita ordem com tão hybridos dillettantis.

Acresce que o bicho cão parece ter tambem entrada franca na plateia. Temos lá visto individuos d'esta familia, desde o canito inclassificavel até o sizudo cão da terra nova.

Alguma vez tem acontecido que, quando o pathos do espectador está mais profundamente abortido no lance mais palpitante do drama, a chocalhada da colleira d'um cão vem dizer-lhe que, além da dôr da pobre Luiza que se queixa em scena, ha na plateia a dôr mais verdadeira do cão do snr. fulano de tal que sacode a pulga impertinente.

Pois a terceira ordem!.. Temos visto, ás vezes, empilhado n'um camarote um tal cardume de pessoas que se fica a scismar como diabo cabem todos alli. O vestuario da maior parte d'estes espectadores da trapeira regala pelos dos sem gravata da plateia. Nos intervallos vão

terão de ser acabadas por outros e o resultado é não se fazer nada.»

O snr. *Carvalho e Abreu* falla de novo sobre as estradas e chama a attenção do governo sobre a estrada de Guimarães a Amarante, estrada de muito alcance economico. «O circulo de Guimarães — diz elle — que ha tanto tempo paga para a viação publica d'este paiz, parece estar conculminado pelo illustre ministro a não ter um palmo d'estrada; como Moysés, só lhe é dado vêr de longe a terra da promissão, sem jamais poder tocá-la.

«Todas as estradas do circulo de Guimarães se estudam; estude-se a estrada de Guimarães a Braga que, ha perto de dous annos, está decretada por uma lei; estuda-se a de Guimarães a Traz-os-Montes, que o snr. ministro das obras publicas prometteu mandar estudar, ha mais d'um anno; estude-se a de Guimarães a Amarante, que na tabella da distribuição do emprestimo dos 1:800:000\$000 votados na sessão passada foi contemplada com uma verba; estuda-se a de Guimarães a Villa Nova; mas nenhuma se faz. Ou o nobre ministro reserva para o circulo de Guimarães um systema gigantesco de viação que tanto tempo leva a estudar, ou com esses apregoados estudos não procura senão entreter e illudir o publico. Esta ultima alternativa parece-me, mau grado meu, a mais verdadeira, pois sei que em algumas estradas, ha muito tempo, não apparece engenheiro algum e não comprehendo que o estudo d'uma estrada se possa fazer n'um gabinete e sem o conhecimento da localidade.» Pede por fim ao governo que dê expediente ao pedido que a camara de Guimarães fez para ser auctorizada a contrahir o emprestimo.

O snr. *D. Rodrigo* falla sobre a entrada da estrada de Villa Nova em Guimarães. «A companhia que está fazendo a estrada — acrescenta o orador — em os trabalhos chegando áquelle ponto, não os pôde fazer progredir sem esta questão se resolver; ha representações n'um sentido e no sentido contrario, e só a sciencia pôde resol-

ber o seu quartilho, e, quando o apito os chama de novo ao espectáculo, aquillo, pelos corolores, é um rodar de tamancos que parece cousa de trovoadal!

Não sei se foi com estes dados que o snr. *Prachedes*, um dos actores (?) da companhia, formulou o seu juizo, quando disse que «esta terra parecia uma aldeia».

O snr. *Prachedes* disse!.. Ora, o snr. *Prachedes* tem mais direito que ninguem a dizer tal, porque, na verdade, o snr. *Prachedes* lá vê que só n'uma aldeia é que o tação podia estar callado, quando a sua pessoa falla ou gesticula em scena.

Fallemos com seriedade — eu nunca vi d'aquillo!

Se o desencanaixe se metesse a actor, o desencanaixe tinha de copiar o snr. *Prachedes* desde os pés até a cabeça.

Mas, deixando isto, a direcção do theatro deve e ha a tentamente por todas estas indecencias e por-lhes cobro, ainda que não seja senão para nos livrar das chufas dos *Prachedes*, e para podermos ter um publico que se possa definir.

(Continúa).

F. M.

Sarmento

ver a questão; mas é necessário decil-la a tempo, para que os trabalhos não venham a parar por este motivo.

Por esta occasião recorde ao sr. ministro que está presente que a camara de Guimarães pediu auctorisação para contrahir um emprestimo para fazer obras municipaes. Este é o unico meio pelo qual os municipios podem fazer nos mesmos alguns melhoramentos, sem estarem a pezar sobre o thesouro e sem estarem a affectar os tributos geraes do estado para attender a obras e melhoramentos d'interesse das localidades; e é por isso que os povos tem um interesse immediato n'estas obras que se promptificam a estes emprestimos.»

Requerimento assignado, entre outros, pelos srs. *Carvalho, Ferreira e Pinto Coelho* para que se discuta o projecto n.º 74 relativo á construcção da estrada de Braga a Guimarães.

Proposta, assignada pelos quatro deputados d'este circulo, para que seja contemplada com 44:000\$000 dedozidos da verba de 144:000\$000 votados para a estrada de Braga a Valença a estrada de Braga a Guimarães; visto não se ter comprehendido na tabella da distribuição de fundos para estradas.

Outra, assignada pelos mesmos, para que se mande concluir o traçado de Guimarães a Traz-os-Montes, visto que os concelhos de Guimarães, Fafe, Cabeceiras e Celorico se tem off-recido a contribuir para um emprestimo destinado á mesma estrada.

Os promotores da subscrição, aberta em favor do infeliz que no mez passado deu entrada no hospital da Santa Casa, em consequencia do triste incidente, succedido aqui por occasião da ascensão acros-tatica feita no largo de Santa Clara, julgam ser do seu dever, para se salvarem de qualquer responsabilidade, dar ao publico vimaranense, que tão benevolamente os acolheu, uma conta individuada do resultado dos seus trabalhos. Com este unico intuito resolveram mandar publicar a relação, abaixo inserta, dos nomes dos srs. subscriptores seguidos da quantia que de cada um receberam. Ao mesmo tempo aproveitam este ensejo para a todos testemunharem o seu extremo reconhecimento.

Eis a lista:

Manoel Pinto Peixoto de Sousa Villas Boas	4\$500
Dr. Candido Lopes de Macedo Vieira de Castro	240
Domingos José da Silva Guimarães	500
Um anonymo	240
P.º Rodrigo Lobo de Sousa Machado	240
D. Maria José da Silva Costa	2\$250
Rodrigo de Sousa Teixeira da Silva Alcoforado	9\$000
Joaquim José Gonçalves Teixeira de Queiroz	240
João Manoel das Neves	500
Manoel Freire d'Andrade	240
Antonio José Marques	240
Manoel Vieira Reis	500
João Antonio da Silva Areias	1\$000
Câmpo Junior	500
Francisco José da Costa Guimarães	1\$000
José Fernandes Ribeiro	500
P.º Custodio Pinto Veiga	400
Serafim Carneiro Gerales	500
José Victorino da Silva	500
Um Anonymo	240
Antonio Luiz de Moura	240

Guilherme Pinto Teixeira de Carvalho	500
José Rodrigues Pita	1\$000
Almeida Brasileiro	500
José Antonio Gonçalves Gaita	500
P.º Jacob Esteves	240
José Antonio Vieira	140
João José de Sousa Aguiar	300
Vicente Machado	720
Manoel Teixeira da Costa	120
O Conego João Ferreira Mendes	500
João Baptista Sampaio	2\$250
João Antonio Vieira	120
João de Castro Sampaio	1\$000
Ventura de Castro Meirelles	480
Francisco d'Azevedo Varela	50
Gaspar da Cunha Berrause	500
Francisco Antonio Martins Guimarães	100
Augusto Henriques da Costa	12
Domingos José Ferreira da Silva Guimarães	240
Antonio José Ferreira Caldas	240
Barão de Pombeiro	4\$500
José Pereira da Silva Guimarães	500
P.º Manoel dos Prazeres	500
Manoel José Ferreira da Silva Guimarães	500
Miguel José Ferreira	12
Lima e Irmão	1\$000
José Francisco de Sousa Basto	1\$000
Conego José Maria Costa	2\$000
Domingos José de Sousa	40
Antonio José de Freitas	120
João Francisco	120
Francisco Mendes	120
José Maria Costa	400
Candido José Martins	480
José Elias	2
Somma	45\$02

(Continúa).

INTERIOR.

O ministerio, que ora rege os destinos da nação, foi saudado, na sua ascensão ao poder, por quasi toda a imprensa do paiz. Contendo em seu seio algumas intelligencias viçosas, e robustas, ha as mais bem fundadas esperanças, em que o actual gabinete possa abrir a era da regeneração d'esta terra, tractada sempre com tanto desamor por seus administradores-padrastos! E nenhum, como elle, pôde realizar essas queridas esperanças, os partidos, defecados e cansados de pugnas estereis, estão mortos; as raias, que os extremavam, confundiram-se; e hoje pôde dizer-se, que só ha um partido, grande, uniforme, compacto, que ha-dê prestar o seu apoio a todos os homens, a quem for confiada a publica administração seja qual for o campo, d'onde venham, contanto, que na sua bandeira se leia a divisa do partido nacional — reforma, economias. — O Ministerio encetou bem a sua carreira apresentando o novo projecto de lei eleitoral: era uma necessidade reclamada ha muito pelo paiz, e o primeiro passo a dar no caminho das reformas. E mister, que a representação nacional seja pura, e genuina, que os delegados da nação sejam seus verdadeiros mandatarios, sem o que o systema constitucional é uma burla, uma farçada, e o peor, é que custam muito caros ao povo os bilhetes d'espectaculo!

Ainda que a lei eleitoral nos pareça imperfeita, defeituosa quanto ás incompatibilidades parlamentares, todavia é já um grande melhoramento n'esta parte, que não podemos deixar de elogiar. No sessão nocturna de 6 foi approvedo o artigo 26 por 47 votos contra 8. Na sessão do mesmo dia tinha sido approvedo na genera-

lidade por 61 votos contra 17 o projecto de lei 11 que transfere o Conselho Superior d'Instrução publica de Coimbra para Lisboa. Continhou a discussão sobre o artigo 1.º, o qual foi approvedo. Na mesma sessão o sr. ministro do reino pediu á camara electiva, em nome do sr. ministro da guerra, auctorisação para levantar os creditos supplementares necessarios para elevar o exercito a 24,000 homens, effectivo de que deve compor-se em tempo de paz. O projecto foi remettido para as comissões de guerra, e fazenda.

Correspondencias de Lisboa suppõem, que as camaras ainda serão prorogadas por mais alguns dias; por que talvez não haja tempo para votar as medidas propostas pelo governo, principalmente accrescendo tres dias feriados por causa do casamento de S. A. o Principe Jorge da Saxonia com a Sr.ª Infanta D. Maria Anna. Estava designado para a sua celebração o dia de hontem, 11, no Paço das Necessidades.

Parece fóra de duvida ser confiada a embaixada do Brazil ao sr. conde de Thomar (pae), e que o conde de Thomar (filho) fóra nomeado addido á embaixada de Londres.

Uma das reformas, que o sr. ministro da justiça tenta fazer é a redução dos bispados.

Dizia-se tambem que o governo quer organizar batalhões de 2.ª linha, e que a Hespanha exigia, que nos pozessemos em estado de defeza.

EXTERIOR.

A Europa contempla anciosa os acontecimentos, que ora se passam além dos Alpes. 500,000 homens estão em frente, prestes a arremessarem-se e a degladiarem-se uns aos outros nos formosos campos de Italia, regados já com o sangue de tantos martyres, e orvalhados com as lagrimas dos seus filhos mais queridos. As suas desgraças, o heroismo tantas vezes infructifero de seus filhos tem-lhe grangeado uma viva sympathia em todos os povos, sympathia, que se expande em sinceros votos ao Céu, para que proteja as armas da Italia, e lhe dê a victoria contra os seus oppressores.

A lucta, que vai travar-se, é uma lucta de gigantes; e queira Deus, que do encontro das armas francezas e austriacas não salte alguma faísca, que incendeie a Europa! Muitos o receiam, se bem que os factos acontecidos até agora não nos auctorisam a suppor-o. Antes tudo induz a crer, que a guerra se limitará á Italia, e que as outras nações guardarão uma stricta neutralidade.

O tempo das conquistas por meio das armas passou. Napoleão não aspira a ellas. « Recorre ás armas só para livrar da oppressão um povo generoso, e para vingar uma sancta causa. » Elle assim o diz no Manifesto, que abaixo transcrevemos.

As ultimas partes telegraphicas vindas do theatro da guerra já davam ás mãos os 2 exercitos belligerantes na passagem do Pó: cre-se todavia que fosse um simples reconhecimento feito pelos austriacos

os quaes tentaram avançar até Trino, o que dêsse lugar a algum tiroteio com as avançadas piemontezas. Nem uma lucta de 15 horas se pôde suppôr, com a perda para os sardos apenas de 20 feridos!!

Segundo um despacho de Madrid de 7 as operações estavam paralisadas por causa das chuvas, e das inundações, por que os piemontezes para retardar a marcha dos austriacos, inundaram todo o territorio entre Dora Baltea, e a Sepia, abrindo as comportas dos canaes. Um ultimo despacho de Pariz de 7 diz, que ás 9 horas da noite havia muito tiroteio sobre o Pô.

Em toda a Italia ha grande agitação: o patriotismo prima alli em fazer sacrificios á causa nacional. Em Napoles abriam-se subscrições para auxiliar os manebros, que querem ir para o Piemonte, e já havia uma somma de 50,000 francos. Mais de 500 homens estavam promptos a marchar, sem quererem aproveitar-se d'estes soccorros. Na Toscana o Grã Duque não querendo abdicar, nem fazer causa commum com a Sardenha, foi obrigado a retirar-se para Vienna, onde se acha no palacio Schonbrun ficando nomeado um governo provisorio, o qual nomeou dictador a Victor Manuel. Em Parma houve a mesma revolução pacifica, retirando-se a duqueza para Veneza, mas pelas ultimas noticias parece que houvera uma contrã revolução a seu favor — protegida pela proximidade das forças austriacas. O general Gintay foi encarregado do governo geral da Lombardia, que exercia o archiduque Maximiliano. O general em chefe do exercito austriaco na proclamação, que fez aos piemontezes, diz que elles hão-de ser tratados com as considerações possiveis. Em Vienna estão-se organisando corpos francos, e os estudantes da Universidade alistaram-se todos voluntariamente.

Noticias de Pariz de 2 annunciam, que o conde Walewski dirigira uma circular aos representantes da Franca no estrangeiro, expondo a situação, a que chegaram as cousas, elogiando o espirito conciliador da Inglaterra, Russia, e Prussia, e esperando, que os outros estados allemaes comprehenderão, que depende d'elles mesmos o limitar a extensão, e duração da guerra. O conde Walewski accrescenta, que o governo inglez, até o presente, é favoravel ao partido liberal da Italia. Assegurava-se em Pariz, a 4, que no outro dia sairia o imperador a pôr-se á testa do exercito da Italia. Estavam fazendo-se com muita actividade os preparativos para a viagem. No entanto o governo de Franca é confiado á imperatriz, e a um conselho de regencia.

Eis o manifesto:

« Francezes: — A Austria mandando penetrar o seu exercito no territorio do nosso alliado, rei da Sardenha, nos declara a guerra, violando por este modo os tractados, a justiça, e ameaçando as nossas fronteiras. Todas as grandes potencias protestaram contra semelhante aggressão.

Tendo o Piemonte accedido as condições que deviam assegurar a paz qual pôde ser o motivo d'esta repentina invasão? E que a Austria levou as cousas a tal extremo que necessita dominar até aos Alpes ou que a Italia se ache reguardada até ao Adriatico, pois n'aquelle paiz, qualquer porção de territorio, que se mantenha independente e um perigo para o seu poder.

Até aqui, a moderação foi a norma da minha conducta, hoje a energia é o meu primeiro dever. Arme-se a Franca, e diga resolutamente á Europa:

« Não aspiro ás conquistas, porém quero conservar sem covardia a minha politica nacional e tradicional; cumpo os tractados com a condição de que ninguém os quebrante contra mim; respeito o territorio e o direito das potencias neutras, porém declaro abertamente a minha sympathia por um povo, cuja historia se confunde com a minha e que geme debaixo da oppressão estrangeira.

A Franca mostrou o seu odio á anarchia e quiz dar-me um poder bastante forte para reduzir á impotencia os promotores de transtornos e os homens incorrigiveis dos antigos partidos que incessantemente transigem com os nossos inimigos; porém nem por isso abdicou a sua missão civilisadora.

Os nossos alliados naturaes foram sempre os que desejaram o progresso da humanidade, e a Franca desembainhando a sua espada não é para dominar, mas sim para libertar.

O fim d'esta guerra portanto é dar vida propria á Italia, e não fazel mudar de dono; assim teremos em nossas fronteiras um povo amigo, que nos será devedor da sua independencia.

Não vamos á Italia fomentar desordens nem menoscabar o poder do Santo Padre que repozemos sobre o seu throno, mas sim subtrahil-a á pressão estrangeira que pesa sobre toda a peninsula, e contribuir para estabelecer a ordem sobre interesses legitimos satisfeitos. Vamos finalmente a essa terra classica, illustrada por tantas victorias seguir as pisadas de nossos pais. Queira o ceo que nos mostremos dignos d'elles.

Breve irei collocar-me á frente do exercito. Deixo em Franca a imperatriz, e meu filho: e auxiliada aquella pela experiencia e luzes do ultimo irmão do imperador saberá manter-se sempre na altura da sua missão.

Confio-os ao valor do exercito que fica em Franca, tanto para vigiar nossas fronteiras como para proteger o lar domestico; confio-os ao patriotismo da guarda nacional; confio finalmente, ao povo todo, que lhes manifestará o mesmo amor e a mesma adhesão de que todos os dias recebem tantas provas.

Valor e união: o nosso paiz vai ainda mais uma vez mostrar ao mundo que não degenerou.

A providencia abençoará nossos esforços, porque é santa aos olhos de Deus, a causa que se apoia na justiça, na humanidade, no amor da patria e na independencia.»

CORREIO D'HOJE.

Os austriacos atacaram Casale, e foram repellidos. Fortificam-se, e reconcentram-se. Fazem devastações. Napoleão sabe de Pariz no dia 10. Logo que chegue, começarão as operações A Franca, e Piemonte contribuirão para a restauração da duqueza de Parma.

Na capital tem dado que fallar a nota d'Hispanha. A lei eleitoral foi approvada até o art. 37, menos o 27, que voltou á commissão com uma emenda. A duqueza de Palmela está a expirar.

NOTICIARIO.

Iluminação a gaz. — A camara recebeu uma proposta, em que, sob certas condições, que ignoramos, a companhia d'illuminação a gaz bracarense se promptifica a realisar em Guimarães este consideravel melhoramento. Para se assentar na resolução que convém tomar, foram convidados os principaes proprietarios do municipio a reunir-se, no domingo passado, nos Paços do Concelho. Nada, porém, se decidiu, por não comparecerem muitos d'estes cavalheiros.

Ainda não vimos as bases da proposta para podermos emitir sobre ella o nosso juizo: parece-nos, todavia, que um dos primeiros passos que cumpre á camara dar, para que n'esta questão se não ande de leve, é pedir a cada uma das municipalidades, onde está já estabelecida esta sorte d'illuminação, um excerpto dos seus contractos com as respectivas companhias, a fim de que estes possam servir-nos de norma na apreciação das condições que se nos impõe.

No primeiro d'Abril tinha seu logar. —

Em casa do alquilador Gaita esteve um cavallo que, pela sua exquisitez, causava admiração: era pigarço, remendado todo de malhas amarelladas, sendo estas, para maior notabilidade, em grande parte symetricas. Para vêr esta raridade concorreu muita gente a casa do dito alquilador, que, pela sua parte, esalfava-se em mostrar a pouca vulgaridade de cavallos semelhantes. Mas o melhor de tudo, isto é que o animal tão admirado deve todo o seu merecimento a um engraxador de sapatos, constituído em Apelles burlesco!

Policia pouco policiada. — Por pessoa fide-digna consta-nos que no dia 9 do corrente, pelas oito horas da noite, alguns moradores da rua de Val-de-Donas, sendo alvoroçados por gritos de quem parecia affrontado, e correndo a acudir, encontraram estendido no chão com o rosto todo ensanguentado um homem, a quem dois ou tres soldados se estavam entre-tendo a zurzir com coronhadas. Dizem-nos que era tal a sanha d'estes barbaros, que não sabemos o que seria do desgraçado, se o soccorro não viesse tanto a tempo.

Averiguado o caso, soube-se que o homem vinha preso, e por se não terem tomado as necessarias precauções, conseguiu, alli pelo largo de S. Bento, evadir-se: a poucos passos, porém, tendo a infelicidade de cahir, foi agarrado pelos soldados, que descarregaram então sobre o corpo do desventurado todos os effeitos da sua bilis irritada.

Actos, como estes, não devem ficar impunes. Pedimos a quem compete providencias, para que mais se não repitam.

Arboricidio. — Continúa ainda esse acto vandalico. Domingo, 8 do corrente, cortaram mais quatro arvores na ponte do campo da Feira. Nem podia deixar de assim ser; o sr. administrador do concelho nem procurou descobrir os criminosos, nem obstar á continuação do crime. Ah! tem o resultado.

AVISO.

Em casa de José Mendes Leite, d'Senhora da Guia, recebem-se annuncios, correspondencias e assignaturas para este jornal.

RESPONSÁVEL — JOSE LUIZ ALVES VIEIRA.

GUIMARÃES. — TYPOGRAPHIA VIMARANENSE.
Rua do Gado n.º 8.